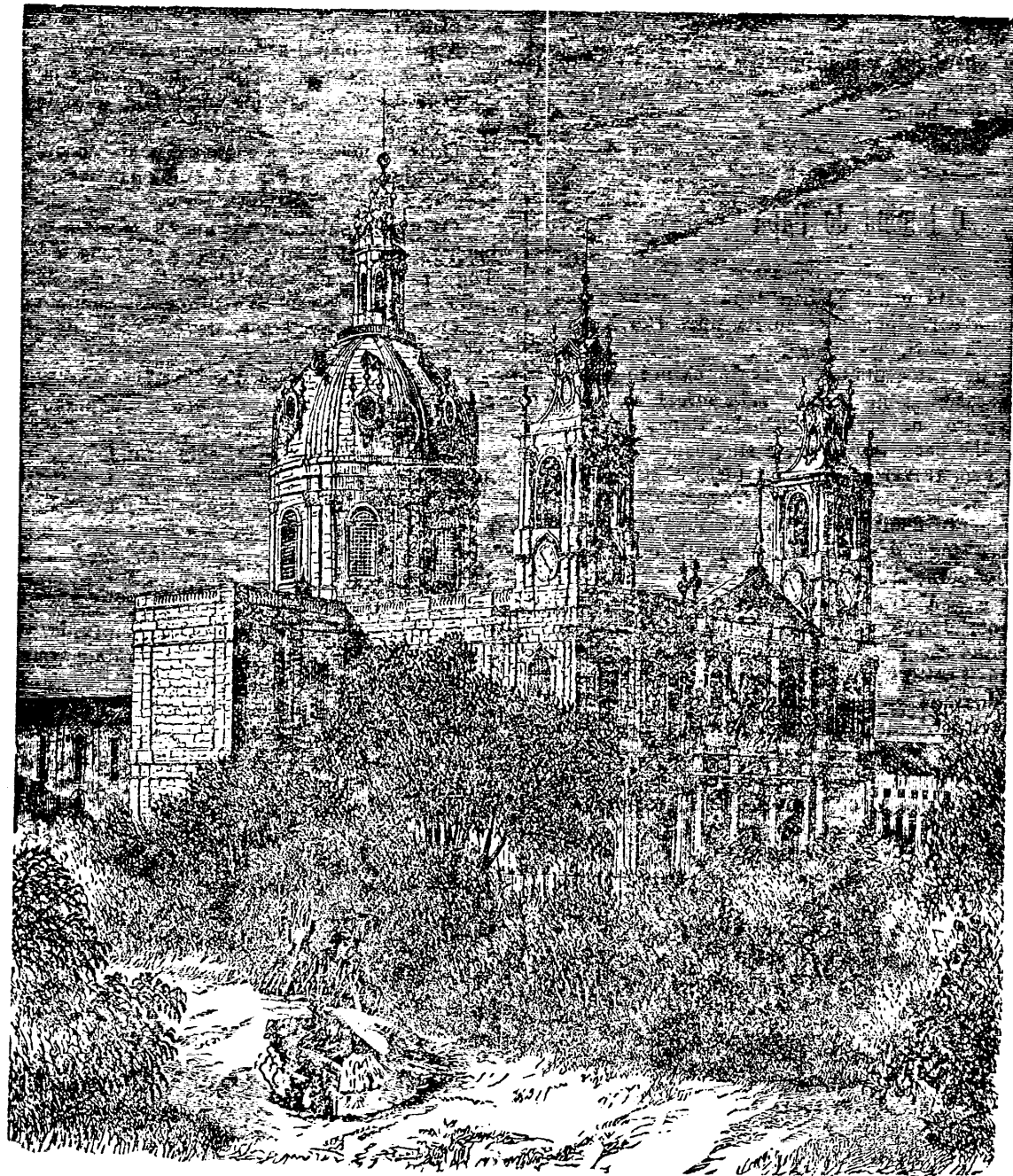


O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Basilica e Convento da Estrella em Lisboa

Artigo politico

Regressaram do estrangeiro os chefes dos dois partidos, denominados modernamente os partidos rotativos da politica portugueza. O sr. conselheiro José Luciano de Castro veio ainda um pouco doente, mas acha-se quasi restabelecido, e o sr. conselheiro Hintze Ribeiro vem completamente restabelecido, assim como sua ex.^{ma} esposa.

Por toda a parte foi bem recebido e obsequiado e actual presidente do conselho de ministros, o que até certo ponto tende a elevar e engrandecer a nossa patria.

E como não ha camaras a funcionar, nem elementos para elaborar um substancial artigo politico, pomos de parte alguns factos que se deram, como um celebre duello que não chegou a realisar-se entre dois conhecidos parlamentares, mas que, apesar do impedimento da policia, sempre se deu entre um dos primitivos duellistas e uma testemunha do outro.

E nada mais por hoje.

A.

O lemma do Papa

Parece que se está vendo já com toda a clareza o que significa o lemma correspondente ao Pontifice Pio X, segundo a prophecia de S. Malachias.

Todos os seus antecedentes, e tanto os pormenores da sua vida passada como da sua vida actual, denotam que ha, com effeito, no coração do novo Papa, um fogo abrazador, que lhe permite dizer, á semelhança do divino Mestre, que veio trazer esse fogo á terra e que só deseja que elle arda.

Não é certamente nem o fogo do odio, nem o fogo da discordia, nem o fogo das paixões; é aquelle outro fogo que abrazava o coração de Jesus Christo na noite da Ceia, no Horto e no Calvario; o que fez da Mãe de Deus, mãe dos homens; o que purificou a alma vehemente de Magdalena; o que seculos depois veio fazer de S. Francisco, de Santa Thereza e de S. Vicente de Paulo, verdadeiros seraphins que ardiam no fogo divino da caridade.

Pio X definiu-se desde o primeiro momento, ou, para melhor dizer, abriu de par em par as portas do seu coração; mostrou o que allí inscrevera: uma vida passada, em que elle se dava a todos, e o que hoje guarda para distribuir pelo genero humano, de quem é Pae e guia. Viu-se que, allí, os actos, as palavras, os propositos, os sentimentos, tudo é fogo, fogo abrazador, chammas immensas da caridade! *Ignis ardens*.

Tudo foi modestissimo na sua existencia, tanto quando era parochio, como quando era Cardeal e Patriarcha; variava de trajos, mas não variava de costumes; apenas se alargava o ambito da sua acção caritativa; e em vez de repartir o seu pão com cem famintos, repartia-o com mil; mas ficava como d'antes, tanto com a sotaina negra, como com o habito vermelho, sempre pobre, mais pobre talvez do que aquelles a quem soccorria, com o seu prato de legumes e o seu magro caldo, que era todo o seu luxo. Agora, revestido dos alvos habitos pontificaes, continua a fazer o mesmo.

Assim como do alto do Sinai baixou a lei para o povo, assim do Sinai do Vaticano desceu a lei para os operarios, que é a lei para todos os homens, porque é a lei da justiça e do amor.

Chegou agora o tempo de a applicar. Como? Com uma expansão tão grande de caridade, com umas effusões tão

vivas e tão praticas do coração, que desde todos os pontos da terra se vê que, com effeito, ha um operario que é ao mesmo tempo patrão no cume da Igreja, reunindo na sua pessoa, alem d'esses dois conceitos, o de um enfermeiro dedicado de todas as dôres da humanidade.

E' o operario de Nazareth, patrão universal, trabalhando para os outros e vivendo como um pobre; mas que, quando sae da sua officina, leva a saude aos enfermos e a resurreição ás almas mortas no erro ou no peccado.

E o mundo tem tanta precisão do fogo da caridade!

O odio divide as classes sociaes e a inveja envenena o sangue dos homens.

A concupiscencia corrompe a carne e o espirito das gerações.

A ancia da riqueza e dos prazeres affoga o coração das familias e muitas vezes conduz-as aos mais espantosos crimes.

A paixão brutal assassina; o cansaço da vida, em plena juventude, põe nas mãos do desesperado a arma suicida.

O roubo e o assassinio engordam, quando podem illudir a acção do Codigo.

Quanto maior é a riqueza, mais consideração e mais honra, ainda que a riqueza tenha vindo por caminhos tortuosos.

Os governantes mundanos ou receiam ou ferem, vacilando constantemente entre a marcha e o despotismo. Tudo receiam, menos a Deus; ferem os corpos com a espada, mas não ferem os sentimentos com o dardo do amor.

Que sabem de amor, de caridade, de alma os governantes do nosso tempo?

Isso diz respeito á Igreja; isso é o que, sem duvida alguma, vem trazer entre nós d'uma maneira especial o Papa Pio X.

Arde em seu coração, com grande vehemencia, o fogo da caridade e é preciso que esse se transmita ao mundo.

O mundo moderno necessita purificar-se, não com o fogo dos incendios ou da dynamite, dos couraçados, das baterias, mas com o *ignis ardens* do Papa que Deus nos acaba de conceder.

Este fogo de amor que começa pelo desprendimento de si proprio e com a entrega absoluta do que possui em beneficio alheio; essa ardente caridade que consumiu a vida inteira do humilde parochio, do Cardeal Sarto, e consumirá tambem a do Santissimo Padre, é que coroará a obra dos seus antecessores. Um condemnou os erros e morreu abraçado á Cruz. O outro affirmou as verdades e morreu venerado de todos. Pio X abrazará com o fogo da sua caridade o mundo do seculo XX e morrerá na plenitude da sua gloria—Quem sabe!... Os milagres da caridade são tão grandes; a purificação pelo fogo é tão perfeita, que essas nações rebeldes a todo o raciocinio, essas turbas, surdas a toda a consideração ajuizada, essas intelligencias impenetraveis a toda a argumentação logica, talvez se rendam, ante o exemplo vivo do amor que abre os seus braços a todas as provas e a todos os homens, e lhes offerece no lar universal dos christãos o pão que dá a vida, a chama que avigora o sangue e o perdão que socega as almas.

Santa e creadora a caridade! *Ignis ardens!* Tu que abrazas o coração d'esse santo, que é hoje o nosso Pontifice, accende todos os nossos corações, e n'um jacto immenso de amoroso fogo funda-se de novo o mundo e surja resplandecente e triumphante sob o lábaro immortal de Christo resuscitado!

G.

LITTERATURA

A esmola

S. Paulo, na Epistola aos romanos, recommenda que a caridade seja sem fingimento; que soccorram as necessidades dos sanctos e exercitem a hospitalidade. O apostolo chama sanctos aos pobres, para mais commover nossos corações, afervorar os cuidados, que se deve ter com elles, e mostrar-nos que, alem da compaixão, são tambem credores do nosso respeito e amor.

Quer que não só os favoreçamos com nossas esmolas, mas lhes demos o nosso coração, consolando-os em seus infortunios.

Era tão ardente o seu zelo que, em todas as suas Epistolas, se lembra dos pobres, e advoga a sua causa perante aquelles a quem se dirige; e toma tanto a peito valer-lhes e amparal-os, que percorre mais de tresentas leguas, para levar soccorros aos de Jerusalem!...

Exemplo sublime, que deve abrrzar nosso peito, no sacro amor da caridade para com os pobres, soccorrendo-os, consolando-os e obtendo-lhes, por meio de supplicas e exhortações, a protecção e amparo dos favorecidos da fortuna.

A occupação mais gloriosa d'um christão, d'um pastor de almas principalmente, é ter caridade com os pobres, procurar remedio ás suas necessidades, consolal-os em seus infortunios, visital-os em suas enfermidades e instruil-os em sua ignorancia.

«A gloria do sacerdote, diz S. Jeronymo, é aliviar a miseria dos pobres.»

*
* *

No exercicio da caridade para com os pobres, devemos ter em vista as instrucções de S. Paulo, o qual aconselha que a esmola seja feita com simplicidade, isto é, sem ostentação, sem procurar os louvores dos homens e o applauso do mundo; mas unicamente a gloria de Deus e o remedio dos pobres.

Quem não tiver esta recta intenção, não obra com simplicidade; pois, como diz Origenes, faz uma coisa exteriormente mas procura outra com o coração.

Esta simplicidade consiste, segundo S. João Chrysostomo não só em banir as vistas do interesse, da vaidade, da complacencia, de favor pessoal; mas ainda todo o raciocinio humano, todo o pretexto especioso, que nos faça mesquinhos no exercicio da caridade.

S. Paulo recommenda mais que se exerça a caridade com alegria, satisfação e espontaneidade; pois aquelle que dá a esmola, como que obrigado e á força, não agrada a Deus.

E' necessario que a esmola, para lhe ser agradavel, seja effeito da caridade, e não uma dadiva arrancada, extorquida á avareza e á má vontade.

*
* *

Comprehende a caridade a esmola corporal e espirital. A primeira é um preceito rigoroso imposto a todos, segundo suas posses, pela razão e pela religião.

Diz-nos a razão, que somos filhos do mesmo pae, que está nos céus; que somos irmãos e membros d'um mesmo corpo social, que existe na terra. Se na distribuição das riquezas não observa a Providencia Divina uma exacta proporção, não julguemos por isso que Deus não olha a todos, como seus filhos, nem deixa de amar-nos com a mesma ternura.

Obrando assim, tem Deus suas vistas de sabedoria e bondade para conosco. E', diz S. Paulo, para estabelecer

a uns ministros da sua providencia para com os outros, afim de que, tendo uns o merito da caridade, e outros o da penitencia, submissão e obediencia, se tornem todos egualmente dignos da felicidade eterna.

Se os homens se reuniram em sociedade, não foi para uns se aproveitarem das suas vantagens, e outros serem privados de seus beneficios.

A causa primaria do pacto social dos homens, foi ajudarem-se mutuamente. Sem esta clausula fundamental, não poderia ter-se organizado, conservado e perpetuado a sociedade humana.

*
* *

A religião, que é toda caridade, impõe-na a seus filhos, como um preceito rigoroso.

Tanto no Antigo e Novo Testamento, como nas obras dos Santos Padres, são innumerados os textos, em que a caridade é ordenada.

«Faze esmola de teus bens, se diz no livro de Job, e não voltes o rosto a nenhum pobre, porque d'esta sorte succederá, que tambem se não aparte de ti a face do Senhor.»

«Filho, lê-se no Ecclesiastico, não defraudes a esmola do pobre, e não apartes d'elle os teus olhos...»

«Não regeites o petição do attribulado, e não voltes a tua cara ao pobre...»

S. Paulo, na 1.^a Epistola a Thimoteo, diz: «Aos ricos d'este seculo ordena Deus que pratiquem o bem; que se façam ricos em boas obras; que deem e repartam com boa vontade...»

«O superfluo dos ricos, diz Santo Agostinho, é o necessario dos pobres.»

«Tudo que fizeres aos pobres, diz S. João Damasceno, o tem Deus como feito a Si proprio. Elle vos pagará com usura e ao centuplo.»

*
* *

Mas a caridade não se exerce só, dando a esmola temporal. Muitas vezes mais necessario é a espirital ao desgraçado, para supportar com paciencia suas infelicidades.

Não se olvide pois a alma do pobre, nem o coração do afflicto; arraigue se n'este o amor de Deus, a paciencia, a resignação nos males da vida; alicie se sua alma até ás eminencias celestes; sustente-se sua coragem, com palavras d'amor; suavise-se sua miseria com paternaes carinhos; curem-se suas feridas moraes, com o balsamo da consolação.

Exercendo esta caridade espirital, tornar-se ha menos dura a triste condição dos pobres, e far-se ha que amem os soffrimentos, na esperanza de por elles alcançarem a felicidade eterna.

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.
Abade de Manerlos.

LITTERATURA

Os bohemios das Trappas

Achava-me ha algum tempo na pequena Trappa de Igny, dentro do cubiculo do Irmão porteiro, ou antes á portaria, servindo-me do termo usado nos claustros, quando tocaram á sineta da entrada. O velho irmão Arnulpho abriu a pequena abertura, enquadrada na grande meia porta, e deu entrada a dois visitantes: um padre ainda novo, e um homem de cerca de vinte annos de idade.

Saudamo-nos reciprocamente; depois, o converso fez-lhes signal de que o acompanhassem, em seguida levou-os ao locutorio e preveniu o Padre hospedeiro da chegada d'elles, tocando uma campainha.

Entretanto, deixei o pateo e encaminhei-me para as mattas; e, vagueando na solidão das áleas, não pude deixar de pensar n'estes recém-vindos. Effectivamente, elles tinham uns modos dubios e um semblante estranho. O padre era esguio e esquelético, mal barbeado, faces cavadadas, olhos inquietos que se desviavam apenas pousassem em nós, e os seus trajos haviam chegado a um estado verdadeiramente pavoroso: faltavam-lhe botões na gola, onde se conservavam ainda os fiapos; a sotaina coçada e esverdeada achava-se rasgada nos sovacos, e um pedaço de calça negra, como recortada por dentes de rato, pendia d'uns sapatos cujos cordões eram substituídos por cordéis tingidos; o outro, o leigo, era roliço e boçal, com uma cara corada e olhos azulados, amortecidos, sem uma scentelha, sem um clarão; estava também coberto de andrajos com um chapéu atravessado pelas ravinas brancas dos suores, e vestindo um casaco russo cujo forro rasgado fluctuava. Não trazia roupa branca, porque havia enrolado um lenço á volta do pescoço, seguro na abertura do collete por meio de alfinetes; por ultimo, uma enorme corrente de relógio, ornada d'um medalhão, tudo de ouro falso, bamboleava-lhe sobre o ventre.

A minha imaginação galopava ao redor d'estes homens. Este ecclesiastico era ainda muito novo para já ser padre, e o outro tinha uns ares de marçano desempregado. D'onde viriam elles? De longe sem duvida, porque estavam cobertos de poeira; mas seriam viajantes, mendigos, pessoas que procuravam o retiro, ou futuros noviços?

Entretantes, vejo-os sahir da capella e dirigir-se, guiados pelo Padre hospedeiro, para a alea onde eu estava, e logo pude ouvir a voz do monge, que lhes dizia: «Comprehendesteis bem, hein? o silencio é rigoroso, e excepto ao jantar, não podeis conversar ambos. Ide então passear um pouco, se não quereis entrar já nas vossas cellas, um por aqui e outro por alli... Lembro-vos também que deveis acompanhar muito pontualmente os officios, cujos horarios estão aqui.—E entregou-lhes um papel.

—Estamos entendidos?

—Sim, meu Padre.

—Bem, então adeus...

Assim que o Padre Estevão desapareceu, os dois moços, que se haviam affastado um do outro apenas alguns passos, deram meia volta e approximaram-se de novo; mas ao vêrem-me quedaram-se hesitantes.

Como eu não pudesse reprimir o riso pelo seu embaraço, elles afoutaram-se e o leigo disse-me:

—Não tem lá uma cara das melhores o reverendo Padre!

—Oh! é um santo homem...

—Então estaes aqui em retiro?

—Estou, e vós?

—Nós, não; queremos vestir o habito das Trappas; e continuou: «Eu sou pharmaceutico de profissão, senhor; exerci o meu mister em varias cidades; mas, presentindo que não ganharia o céu ficando no mundo e sabendo que tinha uma vocação muito particular para este ramo cisterciense da grande ordem de S. Bento, sem mais delongas me dirigi para aqui mais o snr. abbade—e fez uma venia—que deixou o seminario e espera começar comigo dentro em alguns dias o seu noviciado.»

Eu olhava-o enquanto fallava. Elle parecia escutar-se a si mesmo, deleitando-se na escolha das suas expressões que ornava de pequenos gestos. Tinha-se quedado um instante depois de ter pronunciado a palavra «cisterciense,» e sorria beatamente, enlaçando nos dedos a cadeia do relógio.

Então tive a pouco caridosa ideia de que estava a contat com um imbecil, e passei a vista para o outro que se

calava e abaixava os olhos. Comtudo levantou afinal a cabeça e suspirou, espreguiçando-se: «O mais duro de tudo isto é ter a gente de se levantar ás duas horas da manhã.»

—Habitua-se a isso; é negocio de alguns dias.

Depois de mais algumas trocas de palavras, toca o sino, e lá fomos para a igreja, separadamente.

Ahi, tornei a examinal-os, e a má impressão que tinha recebido no primeiro encontro dissipou-se. Estes homens resavam ardentemente; o marçano, tão ridiculo ainda ha pouco com os seus ademanos affectados, torna-se tavocante, porque tinha os seus pobres olhos amortecidos cheios de lagrimas, e orava desesperadamente, como um homem verdadeiramente infeliz que pede um auxilio!

Saudamo-nos reciprocamente ao subir para as nossas cellas, e nada mais. No dia seguinte, quando tornava a entrar, depois do officio de Laudes, senti no corredor um forte cheiro a alho. Alto! que é que preparam aqui? Não tinha ainda tempo de acabar esta reflexão, quando vi surgir o Padre hospedeiro, seguido pelos dois moços.

—Ora essa! então onde achastes os alhos que acabaes de comer?

Confessaram então lastimosamente que haviam trazido os dentes de alho do jardim.

—Bem; então não sabeis que isto vos era defezo? Por esta vez passa. Agora vamos a outra cousa. Hoje não haveis de vagabundear como hontem; vou dar-vos que fazer; ponde estes aventaes á cinta e escolhei-me estes cabazes de feijões verdes; sabeis escolher feijões verdes?

—Oh! exclamou o pharmaceutico n'um tom presumido e um tudo-nada escarninhco.

—Não sejas trocista aqui, meu rapaz, disse o Padre. nega-me n'esta vagem; agora estou a vêr, e reparo que não sabes nada d'isto, porque lhe deixaste o fio; vê como se faz, comprehendeste? Bom, voltarei d'aqui a pouco para vêr como vos desempenhastes d'esta tarefa.

Nós sahimos juntos.

—Então, disse lhe eu, são postulantes, visto terem-se submettido a uma occupação?

Elle saccudiu um pouco os hombros e pôz-se a rir, dizendo:

—São estes os bohemios das Trappas; é um certo numero de recém-vindos que chegam aqui a cada passo e nos declaram muito peremptoriamente que querem militar sob a nossa regra. Eu respondo-lhes: —Trazeis papeis? —Não.—Então não posso receber-vos, não sabendo quem sois.—E sempre a mesma scena se reproduz:—Nós estar mos sem vintem e não sabemos para onde ir; deixae-nos ficar até que cheguem as informações que haveis de pedir a nosso respeito; haveis de ver como somos boas pessoas.

—Então, o que quereis que faça? Que elles são infelizes não ha duvida alguma, e n'estas condições tenho que dar-lhes gasalhado. Demoram-se aqui até que eu me convença—o que tem logar nove vezes por dez—que os meus hospedes são vagabundos incorrigiveis, tendo já esgotado a paciencia de todos aquelles a quem a sua miseria e a sua piedade commoveram. N'este caso desembaraçome d'elles, mediante um pequeno subsidio que lhes permite alcançar, sem morrer de fome, a Trappa mais proxima.

—Então não será uma profissão especial a que elles exercem? Não serão elles, pois, as chaminés portateis das Trappas?

—Decerto.

—No emtanto devemos confessar que é esse um mister atrozmente penoso. E se ao menos estivessem albergados em claustros onde o regimen fosse suave; mas aqui!... Como explicar isto?

—Temos que acreditar que é justamente o ideal da dureza da nossa vida monastica o que os seduz, porque

elles não procuram os conventos das outras ordens; é verdade que em toda a parte seriam mais depressa mandados embora que entre nós, murmurou o monge; não posso explicar-vos os reconditos d'estas almas, o que apenas sei reduz-se n'isto: estes nómadas são homens piedosos; não devemos tratá-los asperamente, porque entre elles pôde achar-se um santo,—sirva-nos de exemplo Bento Labre que vagueou de cidade em cidade e frequentou muitas Trappas sem conseguir fixar-se n'uma; mas tal não me parece ser o caso dos nossos dois gaiatos, proseguiu, sorrindo, o Padre. Não; estes mancebos são simples desempregados que se acham mal em toda a parte e não pôdem permanecer em parte alguma; ajuntemos ainda que são muito preguiçosos, inaptos para se entregarem a um trabalho qualquer, incapazes de se submeterem a uma regra; apresentam ainda esta anomalia de desejarem sempre a liberdade, de não poderem viver sem ella, e de sonharem perpetuamente na dita de perdê-la. Perceberão elles a incoherencia dos seus anhelos? Duvido-o. Em summa, elles vagueiam ao redor do bom Deus, mas não o procuram senão nos caminhos e nas paragens dos claustros; se fôsse preciso esperal-o pacientemente, sem se moverem, n'um lugar convencionado, tomariam a fuga; no emtanto elles amam-no.

—Mas tudo tem seu fim; o numero das Trappas é limitado. Quando tiverem visitado todas a seguir, o que farão?

—A fadiga e as privações matam depressa n'este genero de vida; apenas esteja esgotada a serie das casas da nossa observancia, já a maior parte dos nossos bohemios têm morrido ou vegetam pelos hospícios. Quanto áquelles que resistem ás sevicias d'esta vida, começam então de novo a sua jornada...

—Mas não os recebem mais, supponho-o...

—Recebem. Nós não podemos recusar hospitalidade aos pobres, quem quer que sejam; apenas a sua estada nos mosteiros, onde já são conhecidos, será breve d'esta vez, porque o truco das informações a tomar não pegará; é-lhes preciso então vaguear de abbadia em abbadia, sem repouso, um dia aqui, outro acolá. Quantas marchas forçadas e noites passadas ao relento para irem d'uma pousada a outra!

—E como é que um seminarista figura entre estes bohemios?

—Oh! elle já o não é ha muito! Estamos certo de que o expulsaram por falta de vocação, por insubordinação, por indolencia, ou por falta de caracter. Ainda conserva o habito afim de ter entre nós um accesso mais facil, ou talvez mesmo porque o pobre rapaz não tenha outra roupa para vestir... Mas parece-me que o melhor é dispensal-os, a elle e ao seu companheiro, de escolher os legumes, porque não levarão a cabo a sua tarefa. Vou mandal-os para o jardim; sei muito bem que nada ahi farão, mas ao menos a comunidade não se arriscará a nada comer logo ao jantar...

(Trad. de P.)

HUYSMANS.

DE TUDO UM POUCO

Calendario:

Setembro
15
1903

Faz 220 annos que foi aclamado D. Pedro II, rei de Portugal (1683). Era irmão d'El-rei D. Affonso VI, e ambos elles filhos d'El-rei D. João IV.

Nasceu D. Pedro II em 1648. Em 1667, mandou prender seu irmão D. Affonso VI, desposando a sua cunhada (esposa d'aquelle infeliz rei).

Em 1683, tendo fallecido aquelle monarcha na sua prisão da ilha Terceira, foi D. Pedro aclamado rei, reinando ainda 23 annos, pois que falleceu em 1706. Foi no seu reinado que foi assignado em 1703, o celebre tratado da Methwen, pelo qual os portuguezes se comprometiam a receber os productos dos inglezes, em troca dos seus vinhos. Já então vigorava a alliança ingleza.

Humorismos:

Frederico II, o grande, rei da Prussia desde 1740 a 1786, foi educado desde a infancia com todo o rigor na disciplina militar, e por isso amava muito o exercito e principalmente a sua guarda real, que era composta toda de granadeiros, verdadeiros mocetões que elle escolhia com o maximo cuidado.

Todas as semanas lhe passava revista, fallando com os soldados familiarmente, porque a todos conhecia. Quando accoecia ver alguma cara d'elle desconhecida, accerca-se do soldado e perguntava-lhe com verdadeiro interesse, se estava integralmente pago do pret, e se recebia o rancho e as munições.

Nos ultimos annos do seu reinado, puchava pela sua caixa de rapé, quando inquiria os seus galuchos, e fallando com elles, fazia-lhes tres perguntas: 1.^a quantos annos tinham, 2.^a ha quanto tempo estavam allistados na sua guarda e 3.^a se recebiam o rancho e o pret.

Ora accoeteceu, que no anno 1757, tendo ganho aos francezes a batalha de Rosbach, houve alguns prisioneiros, sendo um d'elles, pela sua figura e apresentação, apurado para a guarda real.

Quando Frederico II o viu, fez-lhe impressão a sua figura, chamou-o junto de si, e fez lhe as perguntas do costume.

Convem dizer agora que o soldado não sabia fallar allemão. E, como o commandante da guarda soubesse da inquirição real, e soubesse igualmente as perguntas que o rei fazia, ensinou-lhe as respostas que havia de dar ao rei.

Assim disse-lhe, que á primeira pergunta que o rei lhe fizesse, devia responder 22; á segunda, quinze dias; e á terceira, ambos. Eram tres respostas faceis, que o soldado apreudeu sem grande custo.

O rei, porém, que estava n'esse dia apprehensivo, alterou a ordem das perguntas, por forma que houve entre os dois o seguinte curioso dialogo:

—Ha quanto tempo me serves tu?

—22 annos.

O rei encarou-o admirado.

—Então quantos annos tens?

—Quinze dias.

—Ou tu ou eu estamos doidos.

—Ambos, senhor—responde o soldado muito tranquilamente.

Outro facto historico succedido com o rei Frederico da Prussia, e tambem, como o antecedente, por causa do excessivo amor que dedicava á sua guarda real.

O bom do rei Frederico, que só pensava n'esses marciaes latagões, que faziam honra á sua côrte, encontrou um dia, n'uma aldêa, á volta d'uma caçada, uma esplendida mocetona, de amplos quadris, e de alterosos seios. Depois de a contemplar por algum tempo, lembrou-se de que seria uma coisa necessaria casal-a com um rapaz da sua guarda, o que originaria, sem duvida, uns robustissimos filhos, que seriam de futuro uns formosissimos granadeiros.

E se bem o pensou, melhor o executou.

Chamou á sua presença a donairoza lavradeira, rasgou uma folha da sua carteira, escreveu algumas linhas a lapis, e entregando-lhe o papel disse-lhe:

— Sabes onde é o quartel das guardas reaes? . . .

— Sei, meu senhor, — respondeu a lavradeira.

— Pois vae lá, e entrega do meu mando este bilhete ao commandante, e espera pela resposta. Olha lá — continuou o monarcha — sabes com quem estás fallando?

— Sei, meu senhor. Vossa magestade é o rei da Prussia.

— Pois então cumpre o que te mando, se não quizeres ser castigada por desobediente.

A rapariga tomou o bilhete regio, e seguiu o seu caminho.

Depois, porém, de dar alguns passos na direcção determinada, lembrou-se de que tinha de ir buscar a roupa d'uma fregueza, que costumava dar-lh'a para lavar, e a ordem regia contrariou-a, porque o commandante das guardas morava n'um ponto muito afastado do local onde desejava ir.

Que fazer n'essas circumstancias? Não tinha remedio senão cumprir a ordem, que havia sido formal, e ella tinha medo de incorrer na cholera de Frederico II, que não costumava perdoar a quem lhe desobedecia.

Por felicidade sua, encontrou uma velhinha sua conhecida, que andava a pedir, encostada ao seu bordão de mendiga.

— Adeus, ti'Anna, foi uma felicidade encontral-a agora aqui.

— Porque, minha filha? perguntou a velhinha.

— Porque o rei encarregou-me de levar um bilhete ao commandante das suas guardas, e faz-me grande desarranjo ir lá, porque tenho de ir a casa d'uma fregueza, buscar roupa para lavar. E a você, ti'Anna, nenhum desarranjo lhe causa, porque passa por Potsdam.

— E' verdade, minha filha. Dá cá o bilhete. Pode ser que o commandante me dê alguma esmola.

— Então, vá. . . e muito obrigada.

E a formosa camponeza, de faces coradas e seios tumidos, entregou-lhe o bilhete, e voltou-lhe as costas, seguindo o seu caminho.

A velhinha lá foi, conforme pôde, seguindo pela estrada, até que, quasi ao cair da tarde, chegava a Potsdam, onde o rei Frederico tinha o seu castello e o quartel das suas guardas, e entregava o bilhete regio ao commandante das guardas reaes.

Este abriu-o, e leu o seguinte:

«Coronel. Mande chamar o meu capellão, e case immediatamente a portadora d'este bilhete com o melhor e mais bem conformado mocetão da minha guarda. Frederico.»

O commandante olhou para a velhinha duas ou trez vezes, leu e releu o bilhete do rei, cuja lettra perfeitamente conhecia, e não podia voltar a si do pasmo em que cahira.

Mandava, porém, el-rei, e era forçoso obedecer. Mandou chamar o capellão, mandou depois chamar o soldado mais bem apessoado e mais guapo do seu commando, e, na presença da encarquilhada e velha mendiga, que já contava mais de setenta annos, deu-lhes a saber o que el-rei determinava.

Cahiram todos das nuvens. O soldado, especialmente, chorava a sua desgraça, a que o commandante não podia valer. O remedio foi casar a velha que, dançava de contente, com o mocetão que a olhava de soslaio, indignado. Mas que fazer? Mandava el-rei, e era senhor absoluto.

No dia seguinte veio o rei ver os noivos. Assim que o coronel lhe disse o que havia succedido, arrebellou-se de raiva, mas o mal estava feito, e já não havia remedio para elle.

Curiosidades historicas

Designou-se, durante a revolução franceza com o nome

de *girondinos*, um partido, cujos principaes oradores eram do departamento francez de Gironda. Esse partido dominou por algum tempo, pelo seu talento, e principalmente pela sua eloquencia apaixonada na Assembleia legislativa. Inimigos do antigo regimen, trataram de dar nova direcção á realza, no tempo do ministerio Rolland. Animaram a principio a revolução; mas indignados com os crimes de setembro de 1792, assustados com o poder da communa de Paris, inimigos da democracia pura, sustentada pelos montanhezes, atacaram os inimigos na Convenção, com mais coragem que prudencia, e commetteram o gravissimo erro de deixar condemnar Luiz XVI, que talvez podessem ter salvado.

Foram depois accusados de federalismo, e feridos pelas insurreições de 31 de maio e 2 de junho de 1793. Uns morreram no cadafalso em 31 d'outubro, e outros, depois de terem em vão tratado de sublevar os departamentos contra a tyrannia de Paris, foram forçados a dispersar-se e morreram, na sua maior parte, miseravelmente.

Republicanos sinceros e entusiastas, mas não demagogos, recuando deante da doutrina que o fim justifica os meios, e inimigos do terror e da omnipotencia de Paris, mereceram talvez a censura que lhes fizeram, de não serem *homens* de estado. Formaram todavia, apesar dos seus erros, a *elite* da assembleia, n'aquella epocha desgraçada de sangue e de canibalismo.

Versos escolhidos:

A vida é um ai desprendido,
á beira da sepultura;
a vida é lyrio pendido,
aos ventos da noite escura.

A vida é nota que vibra
da viração no alaude;
a vida Deus a equilibra,
entre o berço e o athaude.

A vida é flor que rebenta
junto do abysmo onde cae;
a vida um sonho a alimenta,
e como um sonho s'esvae. . .

A vida é nuvem sombria
que passa entre o céu e a terra;
a vida é luz d'um só dia,
a vida o tumulto a encerra.

A vida é funebre cyrio,
que ao menor sopro se apaga. . .
nuvem, luz, ai, sonho, lyrio,
a vida um minuto a esmaga.

H. MARINHO.

COLLABORAÇÃO DIVERSA

A Cruz do Monte

Bem implantada n'um monte,
Permanecia sosinha,
Uma pequena cruzinha,
Carcomida pelo tempo.
Dos seus braços estendidos,
Tão frageis, tão denegridos,
Duas capellas pendiam,
E da terra que a cercava,
Que a ella, proprio, implantava,
Duas saudades surgiam.



Estabelecimento balnear em França

Eram roxas, delicadas!
Da natureza um primor!
Ambas, pela mesma dor,
Feridas, na cruz cahiam!
Da amizade, era a firmeza,
Que a bemdita natureza
Dedicava a quem fazia
N'aquelle chão tam gelado,
Onde, a sombra de um passado,
Funereante, existia!

Era, pois, tão solitario,
Tão triste emfim o logar,
Onde fora repousar
Aquella pobre cruzinha!
N'esse logar enfadonho,
Somente o piar medonho,
Do triste mocho se ouvia!
Era resto de um passado,
De um viver amargurado
Que ali somente existia!

A. DE FIGUEIREDO.

Avé Maria

Tu, a quem o céu com ardor adora,
A quem o mundo sua miseria chora,
De todo o orbe és placida alegria,
Avé Maria!

O' tu a quem o coro d'anjos canta:
Para ti mil vezes, trez vezes santa;
Com branda voz repete em melodia:
Avé Maria!

Um só olhar da tua piedade fina,
Me dêem teus olhos, que são luz divina
Bello fulgor que ao sacro Eden nos guia,
Avé Maria!

Oh! sim, me dá, ó mãe incomparavel,
O teu amor materno, inexgotavel,
Amor que alenta a tua alma pia,
Avé Maria!

Com terna voz o pobre, o innocente,
Te clama terna mãe omnipotente,
Mãe que o Céu em ti a nós envia,
Avé Maria!

Feliz d'aquelle que, ao morrer, te invoca,
E com humilde e balbuciante boca,
Com fervor brada e repete na agonia,
Avé Maria!

A. S.

Credo

Não! não pertenco á grey dos que o pavor consome.
Dos miseros atheus me repugna a vertigem.
Tenho uma crença d'ago, e n'ella encontro a origem,
Da força que nutriu os Fortes de meu nome.

O Covarde blasphema; e em quanto foge e a ruga
Da angustia e do terror lhe boçalisa a fronte,
Ergo o olhar, sinto o Céu, vejo largo o horisonte,
E passo alem!—Não sou dos que a vida subjuga.

Sei que devo soffrer, e soffro—E' minha fé!
Sei que devo lutar e lucto—E' minha lei!
P'ra findar a tarefa e ter coragem, sei,

Que me basta fitar a Cruz, onde, de pé,
Christo me dá o exemplo! em meu robusto seio
Nunca a duvida e o medo hão de imperar. Eu creio!

PYTHIÃO DE VILLAR.

QUESTÃO SOCIAL

Os vícios do pauperismo

Trabalha a classe operaria em todo o mundo, independente do seu ideal futuro, em obter para já a limitação de oito horas de trabalho diariamente. Já aqui, por occasião da festa do primeiro de maio, fizemos algumas reflexões a esse proposito, ponderando a inefficacia do seu ideal, que não pode ser praticavel, pois que os intuitos que a theoria lhe faz prevêr, desaparecem por completo na pratica.

O maior inimigo que tem, em geral, a classe operaria é a falta de instrucção. Depois vem logo a seguir a falta de religião, a má educação que em geral as classes populares dão aos seus filhos, e por fim a vaidade (apezar de todos os protestos em contrario), de todos quererem ser grandes, apparentarem o que não são, e gosarem distracções e regalias que só podem ser attingidas por certas classes privilegiadas.

Antigamente havia o amor ao trabalho, o amor á familia, o respeito ás auctoridades, e sobretudo e primeiro que tudo o temor de Deus, que segundo affirma a Sagrada Escripura é o principio da sabedoria. O operario erguia-se de manhã, ao romper do dia, benzia-se, elevava o espirito a Deus, pedindo a sua protecção para os trabalhos d'esse dia, e ia trabalhar com afinco e cuidado, para obter pelo seu salario a sua alimentação e a da sua familia, e obedecia aos seus chefes a patrões. Vinha jantar o magro caldo, junto com sua familia, nunca se esquecendo de agradecer a Deus o pão nosso de cada dia que se dignava conceder-lhes, e voltava para o trabalho alegre e animado, porque a sua consciencia não lhe censurava facto algum, quer divino quer humano, que lhe fizesse abaixar humildemente a cabeça. A' noite, findo o seu trabalho diario, em vez de ir para a taberna jogar a bisca e beber, como faz grande numero de operarios, voltava para o seio da sua familia, com quem se entretinha em familiares palestras, até que se chegava a hora de recolher-se ao leito, o que nunca fazia, sem voltar o seu pensamento para o Creador, agradecendo-lhe, reconhecido, todos os beneficios recebidos durante aquelle dia.

E eram felizes assim os nossos antepassados, porque não aspiravam a elevar-se acima da sua condição, nem tinham agitadores socialistas que os incitassem a *grèves*, para os insubordinar contra os patrões, para afinal ficarem

humilhados e nas mesmas ou peores condições em que anteriormente estavam. E tam felizes eram, que amavam a Deus de todo o seu coração, desprezando os impios a quem debalde ouviam dizer que não existia Deus.

Hoje ha *grèves*, pelo mais insignificante motivo. Hoje não ha respeito a Deus, nem ás auctoridades, nem aos patrões. Hoje o espirito da incredulidade paralisou no coração do operario todo o sentimento de justiça e de rectidão, e se affirma querer oito horas de trabalho, para ter oito de descanso e oito de estudo, mente á sua consciencia, e engana-se a si proprio, porque, com o vicio introduzido pelos costumes actuaes, e com o má conselho dos companheiros indisciplinados, ha-de passar grande parte do tempo na taberna, com prejuizo seu, (tanto do corpo como da alma) e com prejuizo da familia, a quem está sacrificando para acceder a uns *gosos* que podia dispensar por completo.

A intemperança tem sido, em toda a parte, o inimigo capital do proletariado. Foi por isso que na America do Norte se começaram a fundar as sociedades de temperança, começando por publicarem brochuras em que demonstravam com toda a evidencia os funestos effeitos da intemperança e da embriaguez. E tanto progredin essa idea, que dentro em poucos annos se organisaram oito mil sociedades, compostas de perto de dois milhões de individuos, que renunciaram ao uso das bebidas alcoolicas.

E que resultou de todo esse movimento? Os mais beneficos resultados. Diminuiu a mortalidade: foram-se despovoando os *asylos* de mendicidade; os crimes começaram a ser menos frequentes; augmentou o socego das familias; diminuíram até as doenças de que estavam cheios os hospitaes.

E que se tem feito entre nós n'este sentido? Nada, absolutamente nada.

A.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

Começo por uma noticia triste para a religião, para a politica e para as letras patrias. Falleceu no dia 29 do mez findo, quando já o n.º 17 d'este jornal estava impresso, o ex.^{mo} e rev.^{mo} conego da Sé de Braga Dr. Alves Matheus, bem conhecido orador sagrado, par do reino, e uma das notabilidades litterarias do nosso paiz. E, por uma coincidencia assaz notavel, porque, nem sequer na occasião, sabiamos da doença do illustre homem de sciencia, ainda n'esse numero 17, publicamos na nossa secção de litteratura um primoroso trecho, em que transluziam as graças vernaculas d'aquella pujante penna. Foi quasi que uma homenagem prestada inconscientemente pelo *Progresso Catholico* ao distinctissimo orador.

Que Deus tenha a sua alma á sua vista, e nós, noticiando o seu passamento, pedimos aos leitores uma prece por sua alma.

—Continuaram a haver arraiaes e festas populares, aproveitando para isso o novo povo as festividades religiosas feitas em alguns templos d'esta cidade e suburbios. São costumeiras que tarde ou nunca terminarão, porque o nosso povo gosta de folganças e de arraiaes, para nos domingos se distrairem dos trabalhos que o prendem durante a semana.

—Um francez que tem o curioso nome de Mr. Carton, trouxe para ahi um balão, que, para seu proveito e reclame, por estar entre nós, denominou «balão Portugal» e fez algumas ascensões a que o nosso povinho assistiu, e de pareceu gostar, apezar de ter apparecido muito pouco

quem o queira acompanhar ás regiões onde elle costuma elevar-se.

—Os peregrinos que foram ao sanctuario de Nossa Senhora de Lourdes voltaram de saude, mas vieram pouco satisfeitos com as demoras que os fizeram ter pelo caminho, e queixando-se alguns das roubalheiras de que foram victimas, principalmente no paiz visinho. Não ha que ver; quando o mal é geral, chega a todos.

Festa ao Sagrado Coração de Jesus em Leça da Palmeira—Transcrevemos do nosso collega *A Palavra*, a seguinte noticia e fazemos nossas as suas apreciações:

Como noticiamos, realisou-se ante hontem, na capella do Sagrado Coração de Jesus, em Leça, capella pertencente ao nosso presado amigo, sr. João Baptista Ruas, uma festa ao Sagrado Coração de Jesus, realisada em cumprimento d'um voto feito pelo sr. Ruas e sua digna e virtuosa esposa.

A festa foi precedida d'um triduo, em que foi orador o rev.^{mo} sr. Padre Francisco Pereira, sacerdote muito conhecido e apreciado dos portuenses, pois que residiu 12 annos n'esta cidade, onde foi um apóstolo da boa causa. O triduo esteve sempre bastante concorrido.

No domingo, ás 11 e meia horas da manhã, começou a missa solemne, cantada pelo rev.^{mo} sr. Conego dr. Manuel Moreira Aranha Furtado de Mendonça, digno e illustrado Vice Reitor do Seminario do Porto.

Ao Evangelho subiu ao pulpito o rev.^{mo} sr. Padre Francisco Pereira. Durante uma hora, s. rev.^{ma} falou ao seu numeroso e escolhido auditorio, parte do qual tinha ido do Porto para o ouvir, sobre as maravilhas do Coração de Jesus.

O distincto orador mostrou-se á altura dos seus creditos. Ha 20 annos era o prégador sagrado que mais publico arrastava aos templos para o ouvir, tal era a unção, verbosidade e elevado da phrase com que prégava; hoje, apesar de tantos annos decorridos, é o mesmo prégador, com a mesma unção, com a mesma verbosidade, com a mesma elevação e cuidado de phrase, portugueza de lei. O illustrado orador a todos deixou encantados.

De tarde houve a encerração do Santissimo Sacramento, pratica pelo mesmo distincto orador, ladainha do Santissimo Coração de Jesus e benção.

No triduo e na missa cantaram algumas senhoras, acompanhadas a harmonium pelo rev. sr. Padre Joaquim Pereira da Rocha.

A capella do Sagrado Coração de Jesus foi toda reformada. Com o seu throno magestoso, é um rico bijou.

Festa sincera e essencialmente piedosa, deixou as mais gratas recordações a todos aquelles que tiveram a felicidade d'assistir a ella.

Exterior

E pena só agora podermos fallar da imponentissima peregrinação a Lourdes mas o nosso dever de chronista, e a nossa fé de catholico impoem-nos fallar d'ella, comquanto sejamos resumidos, visto o espaço de que dispomos, não permittir grandes descrições.

Começaram os santos exercicios na sexta-feira 21, sendo designado para os peregrinos portuguezes a egreja da Crypta. Celebrou missa o Em.^{mo} Cardeal Patriarca, ministrando em seguida a communhão. Depois encorporaram-se os portuguezes na procissão, levando uma rica bandeira—a que já no numero passado alludimos, e que era a melhor que lá appareceu. Durante a passagem da procissão, houve muitas curas, sendo uma d'ellas a de uma creança de 3 para 4 annos, completamente paralyti-

ca. Foi um delirio o entusiasmo de toda aquella boa gente!

Duraram os exercicios até domingo 23, retirando-se já na segunda feira seguinte alguns dos trezentos portuguezes que ali foram.

Entre as differentes pessoas, foram a snr.^a duqueza do Cadaval, os snrs. viscondes de S. João da Pesqueira, a snr.^a viscondessa de Nespereira, filhas e cunhada D. Theresa Bretiandos, o engenheiro Dr. Luiz de Tavora, uma irmã do snr. conselheiro Jacintho Candido, dr. João Manoel Corrêa do lyceu do Porto, dr. Santos Motta do lyceu de Braga, dr. Ribeiro de Vianna do Castello, o nosso presado collega da *Palavra* snr. Manoel Fructuoso da Fonseca, e muitos ecclesiasticos de distincção.

A snr.^a viscondessa de Nespereira foi a Lourdes em cumprimento d'um voto levando os seus dois filhos á communhão, junto da milagrosa gruta, sendo a communhão ministrada pelo snr. arcebispo de Tarbes.

Pregaram sermões na Crypta os rev.^{mos} Abel Gomes da Conceição de Oliveira do Bairro, e prior d'Oyã, o rev. Roberto Maciel, e dr. Ribeiro de Vianna.

Na quarta feira 26 partiram os ultimos portuguezes, estando todos já de regresso no domingo.

—Falleceu em Londres Robert Arthur Talbot Gascoyne Cecil, terceiro marquez de Salisbury, com 73 annos de idade. Foi a elle a quem Portugal deveu o violento *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, e que tanta celeuma levantou no paiz, pois que feriu profundamente o nosso patriotismo.

—Lê-se n'uma correspondencia de Roma:

«As duas irmãs do novo Pontifice sahiram no dia 7 do corrente do palacio da praça de S. Marcos, em Veneza. Uma gandola conduziu as á *gare*, d'onde embarcaram para Florinça e d'aqui para Roma, onde chegaram á noute.

Não se sabe ainda se irão habitar o Vaticano ou se o Papa lhes fará preparar aposentos n'um convento proximo. O desejo ardente de Pio X seria, diz se, poder reconstituir, em um canto da sua magestosa prisão, o seu querido interior veneziano de outr'ora. Conseguirá vencer a resistencia que opporão a este projecto, pouco conforme com o protocolo, certos funcionarios implacaveis? Seria já, da sua parte, a prova de uma finura e de uma auctoridade muito particulares.»

Razão Philosophica

E

Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

CONTINUAÇÃO

«Porque a creatura está sujeita á vaidade, não por seu querer, mas pelo d'aquelle, que o sujeitou com a esperanza: porque tambem a mesma creatura será livre de sujeição á corrupção, para participar da liberdade da gloria dos filhos de Deus.»

«Porque sabemos que todas as creaturas gemem, e estão com dôres de parto até agora.»

«E não só ellas, mas tambem nós mesmos, que temos as primicias do espirito, tambem nós gememos dentro de nós mesmos, esperando a adopção de filhos de Deus, a redempção do nosso corpo (1).»

Que creaturas são estas?—E' claro que são distinctas do homem, porque não teem as primicias do espirito, isto

(1) Da pag. 93—S. Paulo. Epist. aos Rom. VIII, 19—22.

é, alma intelligente; mas são creaturas, que soffrem, logo são as que teem alma sensível. E aqui temos a parte sensível do mundo material soffrendo por causa do homem; o que de certo não era assim antes da queda d'este, quando Deus lhe apresentou no Paraiso todas essas creaturas, para as ficar conhecendo, e lhes pôr os nomes.

E porque soffrem essas creaturas? porque sendo o homem condemnado a soffrer pela substancia sensível, que possui, do mundo material; toda essa substancia pela nova ordem natural devia de, por virtude da mesma lei, soffrer a modificação, que o tornava passível e corrupto; e depois da resurreição livre d'essa lei, que será substituída por outra accommodada á nossa ordem de cousas participará tambem—da liberdade da gloria dos filhos de Deus. ⁽¹⁾

Se esta não é a verdadeira explicação d'este texto, pelo menos confesso, que satisfaz minha razão, e está em pleno accordo com as considerações philosophicas, em que me fundo.

E em conclusão das mesmas qual foi a região, em que Deus collocou o homem, ou—o que era o Paraiso? um mundo diverso do que existe, com outra ordem natural, e mui differentes as relações do homem com o mesmo; cujo corpo em consequencia devia tambem ser muito differente do actual, visto que por elle é que essas relações se estabelecem. E isto quer esse corpo fosse formado da substancia sensível modificada, quer por outra mais sublime, o que me parece mais provavel, visto que o homem era superior a tudo quanto era material, e as suas relações deviam ser geraes e não limitadas. Um mundo ordenado a proporcionar ao homem uma vida deliciosa, com tanto que não transgridissem a lei, que lhe fôra prescripta, e que o encaminhava ao fim para que tinha sido creado.

Eis aonde me parece que pôde chegar a razão de accordo com a fé.

CAPITULO IV

Condição da Vida e Relações do Homem no Paraiso

Já vimos que o homem no Paraiso era feliz, o que é o mesmo que dizer, que possuia aquillo, que todos os homens desejam, e a que todos aspiram na terra, sem que jámais o consigam, isto é, a verdadeira felicidade. E era feliz multiplicando-se e dominando (Genes. I, 28); dominio que se estendia a tudo que era natural; e como o seu corpo era da mesma natureza devia estar, e estava, inteiramente subordinado ao espirito. Para que em taes condições houvesse felicidade, era necessario tambem haver unidade, isto é, um vinculo natural, d'onde derivasse a harmonia nas relações e o accordo nas vontades, indispensaveis para a mesma felicidade. Do contrario a desarmonia seria inevitavel, e a felicidade impossivel, que é o que succede na terra, onde os factos mais numerosos e mais notaveis da historia teem por motor e pretensão ao dominio, sobretudo quando tem sido contrariada pela competencia, ou pela reacção diversamente motivada. Tendencia que, como se vê, tem origem na propria natureza do homem, mas que na terra devia ser temperada pela razão, como veremos ⁽²⁾ para que se não dessem as perturbações e desgraças, de que a historia se acha repleta.

⁽¹⁾ De accordo com as considerações expostas está o que se lê no Genesis I, 29 e 30—que Deus disse, que dava ao homem e aos animaes as ervas para se sustentarem, assim como as arvores com os seus fructos; e não que se sustentassem, tanto o homem como os animaes, d'outros animaes. Isto no Paraiso, o que denota tambem outra ordem de cousas depois da queda.

⁽²⁾ Parte terc., cap. 2.º

Havendo uma tal unidade, não podia tambem deixar de haver solidariedade, pela qual o acto de um era, e não podia deixar de ser o de todos. Não se pôde isso demonstrar dentro do circulo positivo d'esta vida, attenta a diversidade de condição d'aquella outra; mas a razão, que passa alem d'esse circulo, comprehende-o muito bem. Eis o motivo porque Moysés, que não podia sair d'elle, ao passo que affirma a solidariedade, a não demonstra; sendo para admirar, que devendo a sugestão do fructo prohibido produzir em Eva uma alteração immediata, visível e desgraçada, isso não servisse de salutar advertencia a Adão, para que não commettesse o mesmo erro. E' porque n'este, como n'outros logares, Moysés não faz mais do que dar a ideia de um facto do modo como elle pôde ser apresentado; e a ideia de solidariedade lá sobressae bem na resposta dada por Adão ao Senhor—«A mulher que tu me deste por companheira, deu-me da arvore, e eu comi»—Como quem diz: tendo ella commettido o peccado, eu não podia deixar de soffrer as consequencias, e participar da sua responsabilidade perante ti.

Segundo a lettra da Escripura o homem prevaricou antes de se multiplicar; mas isso pouco importa para o nosso caso, porque sendo possivel, que prevaricasse depois de haver multiplicação, não o era comtudo, que uns prevaricassem, e outros não, porque em tal caso uns seriam condemnados, e outros não, e em consequencia alterar-se-hia a ordem da creação, por isso que o genero humano se dividiria, vivendo em condições differentes, o que é absurdo, attento o logar que o homem no mesmo occupa. Por isso qualquer que fosse o modo d'essa multiplicação, que não podemos imaginar, porque a nossa organização, por diversa da primitiva, a isso se não presta, a razão todavia comprehende a unidade collectiva, que n'elle devia haver; unidade resultante de um vinculo natural, porque se deduz da ordem natural, e do fim do homem.

Em quanto á primeira, sendo o homem o vinculo, que liga o mundo material ao centro universal, ou infinito, como se viu no capitulo antecedente, dividido esse vinculo, o mundo havia de transtornar-se. Pelo que respeita ao segundo, sendo o fim do homem a felicidade, e sendo esta impossivel na collectividade sem a harmonia e o accordo resultantes da unidade, sem esta elle nunca o poderia conseguir; o que é inadmissivel.

Vem tambem em reforço d'esta intelligencia e a facillita grandemente, o que se dá na ordem da natureza.

Com effeito ahi se observa, que a unidade vai sendo sempre de um modo progressivo cada vez mais composta, mais complexa, e com maiores dependencias; para o que veja-se a differença immensa, que vae do atomo, da molecula chimica, da celula organica, aos seres mais elevados da escala zoologica. E considerando que a differença entre o simples atomo e um mamifero é incomparavelmente menor, do que a que existe entre este e o homem como ser intelligente, de certo que não custa a comprehender, que a unidade humana no Paraiso fosse collectiva pela natureza da lei, que ahi regulava a sua existencia; lei do mundo intellectual, essencialmente differente da do mundo material; lei a que está inherente a liberdade, de que é consequencia necessaria a responsabilidade e a solidariedade n'esta, visto ser collectiva a unidade. Assim, pois que o homem continuou a ficar sujeito á mesma lei, comprehende-se tambem facilmente a responsabilidade, que pesa sobre todos os homens pela primeira transgressão d'essa lei, bem como a nova unidade da regeneração, firmada na Redempção, consoante os ensinamentos da fé.

Na verdade, ao passo que no Ecclesiastico se vê clara a affirmação d'aquella transmissão desgraçada pela unidade representada em Adão, o qual não dá a razão da nossa miseria e maldade—«Leth e Sem alcançaram gloria

entre os homens: e sobre toda a alma com singularidade sua origem Adão (1)»—encontra-se no Evangelista S. João, e nas Epistolas de S. Paulo a formação da nova unidade regeneradora, não já partindo do homem, que legou aos seus descendentes a herança da morte, mas sim firmada no Filho do Homem, no Homem Deus, que restituiu á vida immortal e á felicidade eterna a todos que viverem em união com Elle, e do modo por Elle mesmo estabelecido; como veremos no capitulo sexto.

Não basta, porém, saber, que o homem era feliz, procuremos tambem conhecer em que consistia essa felicidade, não vá alguém persuadir-se, de que ella consistia em gosos materiaes, que muitos errada e desgraçadamente julgam ser o seu objectivo na terra. Eram gosos sim, mas todos espirituaes, como passamos a vêr.

Lancemos em primeiro logar a vista sobre a natureza, sobre o universo até onde o pudermos alcançar, e o que observamos? uma harmonia completa. E de que resulta essa harmonia? de satisfazerem todos os seus ao seu fim. Eis o espelho da felicidade;—logo o do homem devia tambem consistir em elle satisfazer ao seu fim.

E qual era, e qual é, e qual será sempre o fim do homem?—Vimos que o fim do mundo é o homem, ou que o homem é o vinculo, que na ordem natural une, ou liga, o mundo ao fim commum de todas as causas, ou ao infinito; e haverá tambem algum vinculo entre o homem e o fim commum, ou será directa a ligação entre elle e o Creador? Se no homem houver aptidão para o conhecer, necessidade alguma ha de intermedio, nem o pode haver, porque essa aptidão não pode ser inutil, e ha de exercer-se.

(Continua)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O «Relatorio Geral da Sociedade de S. Vicente de Paulo, no Ceará no anno de 1902.»

Por elle se vê que houve o seguinte movimento: confrades activos, 2:164; idem honorarios 47; familias soccorridas semanalmente 665; casamentos realísados 85; meninos patrocinados 185; bibliothecas, 3; volumes adquiridos para as mesmas 111; escolas para meninos pobres 9; rouparias e dispensas, 5; receita 31:876\$710 e despeza 28:177\$199 rs., d'onde se collige que houve um saldo de 3:699\$511 rs.

—O n.º 11 do 3.º volume da revista mensal brasileira «Santa Cruz» correspondente ao mez d'agosto do corrente anno. Traz bellas e esplendidas gravuras, sendo a principal o retrato colorido de Sua Santidade o Papa Pio X, actual reinante.

—O n.º 657, correspondente ao mez de setembro do «Bulletin de la Societé de Saint-Vincent de Paul, revista mensal parisiense. E já o tomo LV.

—**Theologia Moral Universal**—de Pedro Scavini—Devido á extrema gentileza do seu arrojado editor, o ex.º sr. José Maria d'Almeida, de Vizeu, acabamos de receber a primeira caderneta da traducção portugueza d'esta obra monumental, que creara para o seu auctor um renome universal de theologo profundissimo.

Tão util livro merece os mais elogiosos encomios, re-

(1) Ecclesiast. XLIX, 19. Seth e Sem foram os troncos de duas linhagens gloriosas; o primeiro foi o ascendente de todos os patriarchas de boa linhagem, ou dos chamados filhos de Deus; o segundo foi o ascendente da linhagem a partir de Noé, da qual nasceu o Messias. Adão, porém, é o tronco de todos, bons e maus, e a todos assim como transmittiu a nobreza da sua origem pela elevação do logar, que Deus lhe deu na ordem da criação, egualmente transmittiu a responsabilidade da sua culpa.

servando-nos, pois, para o proximo numero em que daremos noticia mais circunstanciada da obra, porque a isso nos obriga a falta de espaço n'este numero.

Desde já endereçamos ao seu dignissimo editor as nossas mais sinceras felicitações pelo arrojado da empresa a que se abalançara, e agradecemos coadialmente a amabilidade da offerta.

ANNUNCIOS

CARTAS ENCYCLICAS

DE

S. Santidade Leão XIII

5 VOLUMES

Brochado. 2\$300 reis
Encadernado. 3\$000 »

A' venda na Typographia do editor **José Fructuoso da Fonseca**—Rua da Picaria, 74—PORTO.

**Vade-Mecum
do Seminarista**

(Traducção livre)

Preço 200 réis

A' venda exclusivamente na Typographia do editor **JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA**—Rua da Picaria, 74—Porto.

IMITAÇÃO DE CRISTO

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada
com notas por*

MONSIEUR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina 300 reis
Em carneira com folhas douradas. 500 »
Em chagrín, douradas 1\$000 »

A' venda na Typographia do editor **JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA**—Rua da Picaria, 74—Porto.

Annuario do Registo Parochial

POR

Antonio José Lopes da Luz

Vigario de Candelaria, Ponte Delgada, Açores

Preço 400 réis

Pedidos a Monsenhor Elviro dos Santos, Prior de Santa Engracia—LISBOA.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peixoto do Amaral

1 vol., broch. . . . 400 reis

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.^a O SNR.

Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc. . . . 250 reis
Douradas 500 »

Vieira-Prégador pelo rev.^{mo} Padre Gonzaga Cabral 2 vol. broch. . . . 25000

Vida, virtudes e milagres do B. João Grande. 1 vol. broch. . . . 500

O postolado da imprensa — O Apostolado da educação — O Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. . . . 750

Vida Popular de S. João de Deus. Fundador da Ordem que usa o su nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações. 1 vol., broch. . . . 500

Historia de S. Francisco de Assis por J. M. S. Daurignac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. . . . 600

Calhecismo para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. . . . 50

As Tres Rosas dos Escolhidos Por Monsenhor Ségur. Tradução franceza pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approvado e recommendado pelo Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. . . . 200

A Mãe segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertida do francez, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. . . . 600

Resumo da Doutrina Christã. Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 15000 réis. Um exemplar. . . . 20

Bento José Labre—Tributo de respeito no seu primeiro centenário, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. . . . 400

Sorrisos d'um velho—A verdade a rir—O erro chorando—Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.^{mo} Snr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. . . . 400

A Santa Montanha de La Salette por A. J. Almeida Garret—Approvado pelo Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch. . . . 400

A Questão dos Jesuitas por J. F. da Silva Esteves—1 vol. broch. . . . 600

Historia de S. Francisco de Sales pelo Marquez de Ségur. Traduzida por M. Fonseca—1 vol., brochado 600

Uma Visita a Lourdes pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães 1 vol., broch. . . . 200

A Mulher. Apontamentos para um livro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães—1 vol., brochado 400

O Livro de Todos pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertido do francez pelo snr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. . . . 600

Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus. Approvadas para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899 10

Formula de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. . . . 50

Preces que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as igrejas do orbe catholico—Tradução approvada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portugez, 10 reis—Em latim e portugez 50

Oração para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. . . . 40

Formula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar 10

Jesus Vivo no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portugezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. . . . 900

A Confissão Sacramental—Pelo Ex.^{mo} Snr. Padre Manuel Marinho—Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. . . . 250

Defesa da creença catholica — (refutação das «Lendas Christãs» pelo snr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. . . . 500

Modo de ouvir missa pelos defunctos e orações do bom christão. Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral. Com approvação do Ex.^{mo} Snr. Vigario Capitular. 1 vol., broch., 100—enc. . . . 160

As Chammas do Amor de Jesus—ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard (5.^a edição). Tradução pelo Reverendo Padre Silva, professor do Collegio de Cucujães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espirital dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.^{mos} Snrs Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.—Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 reis e pelo correio 740

Tudo por Jesus ou caminhos faceis do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres, Doutor em Theologia — Obra traduzida do inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o portugez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch., 600—enc. . . . 800

O mez de Maio consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus. Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissoão e approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. . . . 400

Vida popular de S. Vicente de Paulo — pelo Padre Berbigner, conego honorario de Bordeus e Arcypreste de Ligorno—traduzida do francez, por M. Fonseca — Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. . . . 400

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74 — PORTO.

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuquezas.